

Carlos Filipe Afonso

**A GUERRA CRISTÃ  
NA FORMAÇÃO  
DE PORTUGAL**

1128-1249



Edições Colibri



Comissão Portuguesa  
de História Militar

# ÍNDICE

NOTA PRÉVIA .....	9
PREFÁCIO.....	11
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS .....	19
INTRODUÇÃO .....	23
1. SOCIEDADES E PODERES.....	55
1.1. Uma sociedade organizada para a guerra.....	55
1.2. Um mundo dinâmico e em mutação .....	65
2. ESPAÇOS.....	81
2.1. Clima e Território: uma visão em função da prática da guerra.....	84
2.2. Orografia e coberto vegetal.....	96
2.3. O movimento de forças.....	121
2.4. A relação do homem com o território .....	153
3. CONDIÇÕES E RECURSOS PARA A GUERRA.....	167
3.1. Os contingentes.....	167
3.1.1. Os companheiros do rei.....	170
3.1.2. As mesnadas senhoriais .....	190
3.1.3. As ordens militares.....	199
3.1.4. Os municípios .....	208
3.1.5. Outros combatentes.....	247
3.2. A obtenção e manutenção do potencial militar.....	252
3.2.1. Os recursos humanos .....	252
3.2.2. As montadas.....	274
3.2.3. Os recursos materiais .....	279
4. SISTEMAS FORTIFICADOS.....	287
4.1. A dimensão técnica.....	288
4.2. A dimensão estratégica .....	300
4.2.1. A defesa do Minho.....	305
4.2.2. A brecha de Chaves e os vales do Tâmega e Corgo.....	312
4.2.3. Bragança .....	315
4.2.4. De Miranda a Açafa (passando pelo Sabugal) .....	318
4.2.5. A linha do Mondego .....	329

4.2.6. A linha do Tejo .....	332
4.2.7. A sul do Tejo.....	337
4.3. Os serviços em torno do castelo.....	346
4.3.1. A obtenção de informações.....	347
4.3.2. A vigilância dos muros .....	350
4.3.3. A construção e a reparação .....	353
5. PRÁTICA DA GUERRA .....	357
5.1. Da destreza de armas individual ao combate coletivo .....	357
5.2. A defesa da terra .....	378
5.3. A ida em hoste com o rei .....	384
5.4. Guerra guerreada.....	394
5.4.1. Finalidades e terminologia .....	395
5.4.2. Pequenas expedições.....	402
5.4.3. Grandes expedições.....	412
5.5. Guerra de expansão e assédio .....	420
5.5.1. A dimensão estratégica – apropriação territorial.....	421
5.5.2. O ataque e a defesa de fortificações .....	434
5.6. Enfrentamentos campais .....	450
5.6.1. Tipologia de enfrentamentos.....	454
5.6.2. A escolha da posição.....	457
5.6.3. As formações de combate .....	459
5.6.4. Os métodos de comando e controlo .....	463
5.6.5. As primeiras ações de combate .....	466
5.6.6. A ação decisiva .....	468
5.6.7. A exploração do sucesso .....	470
6. OUTRAS DIMENSÕES DA GUERRA.....	475
6.1. O treino militar .....	475
6.2. As isenções e as fugas à prestação de serviço.....	482
6.3. A sustentação e apoio das forças em campanha .....	488
6.4. A dimensão psicológica .....	500
6.5. Depois do combate: o inimigo vencido .....	507
CONCLUSÃO .....	523
FONTES MANUSCRITAS .....	529
Fontes Impressas .....	529
Instrumentos Auxiliares De Pesquisa.....	535
Estudos .....	535
Recursos Digitais.....	584

## INTRODUÇÃO

A procura de uma visão panorâmica em torno do fenómeno da guerra na Idade Média representa o corte entre uma historiografia tradicional, que privilegiava os aspetos estratégicos e táticos – uma “história de batalhas” – e uma nova abordagem, em que os aspetos técnico-militares não são desprezados, mas são interrelacionados com os contextos económico, social, técnico, cultural e mental coevos<sup>1</sup>. Esta inovadora perspetiva começou a tomar forma na segunda metade do século XX, através de investigadores como Jan Franz Verbruggen, Phillippe Contamine e Bernard Bachrach<sup>2</sup>.

Em 1954, Verbruggen publicou *The Art of Warfare in Western Europe during the Middle Ages. From the Eight Century to 1340*<sup>3</sup>. Neste trabalho, a batalha continuava a ser o elemento central, mas o autor envolveu-a com o estudo de problemáticas relacionadas com o comando e controlo, a disciplina, o treino e a ideologia, entre outros. Não podendo ser encarado como autor de uma história verdadeiramente ampla neste campo, não deixa, no entanto, de ter mérito no carácter precursor do seu trabalho. Mais tarde, Phillippe Contamine e Bernard Bachrach elaboraram sínteses historiográficas sobre a guerra na Idade Média que constituem, ainda hoje, leituras incontornáveis para perceber o modo como a abordagem “história-batalha” evoluiu para estudos mais abrangentes. Em 1980, Phillippe Contamine publicava *La Guerre au Moyen Âge*<sup>4</sup>; em 1997, Bachrach foi incluído no *Routledge Companion to Historiography*, com o artigo *Medieval Military Historiography*, em que na sua resenha historiográfica, referenciava o trabalho de Contamine como o mais completo no tocante à vertente militar na Europa Medieval<sup>5</sup>.

Desde então, as abordagens que procuram uma visão ampla dos assuntos

---

<sup>1</sup> Conf. M. G. MARTINS, 2011, p. 11 e MONTEIRO, 1998, p. 20. Ver também N. S. TEIXEIRA, 1990, p. 205.

<sup>2</sup> Para uma recensão sobre a historiografia militar desde a Antiguidade, veja-se MORILLO, 2013, pp. 11-44 e, especialmente sobre as transformações do “último meio-século”, as pp. 37-44.

<sup>3</sup> Editado inicialmente em flamengo, o título que se apresenta corresponde à tradução inglesa, que só teve lugar em 1977, por S. Willard e R. W. Southern, editada por Richard Vaughan, Oxford: 1997. A edição consultada é a de The Boydell Press, Rochester – NY, 1997.

<sup>4</sup> Reeditada em 1994.

<sup>5</sup> BACHRACH, 1997, pp. 203-220.

militares medievais proliferaram, e tiveram, nas últimas três décadas, avanços significativos, materializados através de dois vetores de produção científica concorrentes. O mais recente, reside na edição de revistas da especialidade, das quais se destaca, desde 2002, o *Journal of Medieval Military History*, pelo seu papel central como publicação periódica de referência sobre guerra na Idade Média. O primeiro volume, editado por Bernard S. Bachrach, Clifford Rogers e Kelly DeVries, assumiu-se como a primeira revista científica especificamente dedicada à guerra medieval<sup>6</sup>. No contexto ibérico, desde 2015, a Associação Ibérica de História Militar (Séculos IV-XVI) tem desempenhado uma função análoga, tendo o primeiro número da sua revista online, *e-Strategica*, sido editado em 2017<sup>7</sup>.

O outro vetor, bem mais prolífico até ao momento (pela longevidade de que beneficia), é constituído pelos trabalhos monográficos de uma segunda vaga de historiadores militares, quer sobre a guerra medieval em geral, quer sobre assuntos específicos, direta ou indiretamente com ela relacionados, salientando-se Philippe Contamine e Claude Gaier, este último com trabalhos sobre organização militar e armamento nos antigos principados e condados belgas<sup>8</sup>. No mundo francófono, para além de Contamine, destaca-se Jean Flori, com o seu estudo sobre a cavalaria medieval<sup>9</sup>. No panorama anglo-saxónico, John France publicou duas obras sobre a arte da guerra no contexto das cruzadas sobre organização militar e armamento nos antigos principados e condados belgas<sup>10</sup>, na esteira da temática inaugurada por R. C. Smail, em 1956<sup>11</sup>. Para além destes, interessa relevar John Keegan, com a sua análise da história da guerra<sup>12</sup> e, especificamente para a guerra medieval, o capítulo sobre a batalha de Agincourt, em *O rosto da batalha*<sup>13</sup>. Também são incontornáveis Jim Bradbury<sup>14</sup> e John Norris<sup>15</sup>, com estudos no âmbito da guerra de assédio; Stephen Morillo<sup>16</sup> e John Gillingham<sup>17</sup>, com trabalhos sobre o universo guerreiro normando e anglo-saxónico; Mathew Strickland, que se debruçou sobre a cavalaria na Inglaterra e na Normandia, num estudo que pode ser

---

<sup>6</sup> BACHRACH, 2002, pp. vii-ix.

<sup>7</sup> GARCÍA FITZ, 2017.

<sup>8</sup> M. G. MARTINS, 2007, p. 6.

<sup>9</sup> FLORI, 1998.

<sup>10</sup> FRANCE, 1994 e 1999.

<sup>11</sup> SMAIL, 1995.

<sup>12</sup> KEEGAN, 2006. 1.ª edição portuguesa do original de 1993.

<sup>13</sup> KEEGAN, 1976.

<sup>14</sup> BRADBURY, 1992.

<sup>15</sup> NORRIS, 2007.

<sup>16</sup> MORILLO, 1994.

<sup>17</sup> GILLINGHAM, 2014.

encarado como complementar ao de Flori<sup>18</sup>; Andrew Ayton, sobre fabrico de armamento, equipamentos e os cavalos ingleses no século XIV, mas com muita informação relevante para os séculos anteriores<sup>19</sup> e David Nicolle, autor profícuo sobre diversas matérias relacionadas com a guerra medieval, incluindo armamento, técnica e ordens militares<sup>20</sup>.

É sintomático, da profundidade do tema da guerra medieval, que muitos trabalhos dados à estampa sejam coletivos, denotando a necessidade de um grau de especialização que seria difícil de atingir por um só autor. Assim se justifica que, em 1999, Maurice Keen tenha coordenado e editado *Medieval Warfare. A History*<sup>21</sup>, com contributos de 13 colaboradores. São também os casos de *Medieval Warfare 1000-1300*, coordenado por Michael Prestwich<sup>22</sup>; *Medieval Military Technology*, inteiramente dedicado à tecnologia militar (com temáticas tão diversas como o armamento, proteções corporais, artilharia, máquinas de assédio, fortificação e tecnologia naval), publicado por Kelly DeVries e Robert Douglas Smith<sup>23</sup>; e, ainda, *The Medieval City under Siege*, editado por Ivy A. Corfis e Michael Wolfe<sup>24</sup>.

A atração pelas batalhas medievais ou, pelo menos, por uma história-batalha renovada, onde se relacionam os recontros com o que se sabe atualmente sobre os contextos e os fatores militares influenciadores, também conheceu algumas obras, destacando-se, fora do contexto ibérico, Georges Duby, com a sua pioneira abordagem à batalha de Bouvines<sup>25</sup>, mas também Stephen Morillo, numa análise abrangente à batalha de Hastings<sup>26</sup> e Brian Todd Carey, com uma descrição dos sistemas militares, ao longo da Idade Média, partindo de batalhas representativas<sup>27</sup>. Novas metodologias de estudo que permitiram ampliar extraordinariamente o conhecimento sobre acontecimentos muito glosados – e frequentemente muito mitificados – na historiografia anterior.

O início do século XXI trouxe aos investigadores em história militar medieval duas obras enciclopédicas de referência. Em 2004, Jim Bradbury publicou *The Routledge Companion to Medieval Warfare*<sup>28</sup>, onde não só abordou o que considera serem os principais contextos militares entre os séculos V e

---

<sup>18</sup> STRICKLAND, 1996.

<sup>19</sup> AYTON, 1999.

<sup>20</sup> NICOLLE, 1999a e 1999b.

<sup>21</sup> KEEN, 1999.

<sup>22</sup> PRESTWICH, *et al.*, 2006.

<sup>23</sup> DeVRIES e SMITH, 2012.

<sup>24</sup> CORFIS e WOLFE, 1995.

<sup>25</sup> DUBY, 2005.

<sup>26</sup> MORILLO, 1998.

<sup>27</sup> CAREY, *et al.*, 2006.

<sup>28</sup> BRADBURY, 2004.